



MEU ERRO

Eram onze horas, quando, a tranquilidade da noite de um domingo, recebi a notícia da tragédia.

O tempo parou e, como num filme antigo, as cenas do passado recente passeavam por minha mente que procurava, em cada uma, o porquê de todo o horror. Ligaram dizendo que meu filho havia atropelado uma criança, e esta agora agonizava na emergência do hospital.

Enquanto dirigia para lá, lembrei de todas as vezes que havia emprestado o carro ao meu filho. Ele tinha apenas quinze anos, no começo tive receio, mas, como se mostrava sempre tão responsável, fui cedendo cada vez mais, talvez assim tentasse compensar a falta de tempo para conhecê-lo melhor.

A emergência estava lotada, no meio de tanto sofrimento, meu olhar localizou o rosto do meu filho. O medo estampado nos olhos contrastava com as manchas de mercúrio que tornavam seu rosto algo que não parecia em nada com o rosto bonito que vi nascer.

Ao aproximar-me, alguém me segurou pelo braço e perguntou se eu era o responsável por aquele menor, indicando para Juliano. Deste momento em diante, foram tantas perguntas e tantos porquês, minha vontade era apenas desfecho daquele pesadelo.

Parece que agora acordei, porém na realidade do pesadelo: a criança morreu, e eu, acusado de responsável pelo crime, aguardo, nesta cela, o desfecho do meu erro.

Juliano, hoje, traz consigo a dor de ter tirado uma vida, e nosso relacionamento piora a cada dia.

Temos que sofrer para aprender; agora sei que poderia ser diferente, pena que é tarde demais.

O homem sábio é aquele que pensa sempre antes de qualquer atitude.